

Aprofundar o debate sobre as estratégias de combate ao racismo

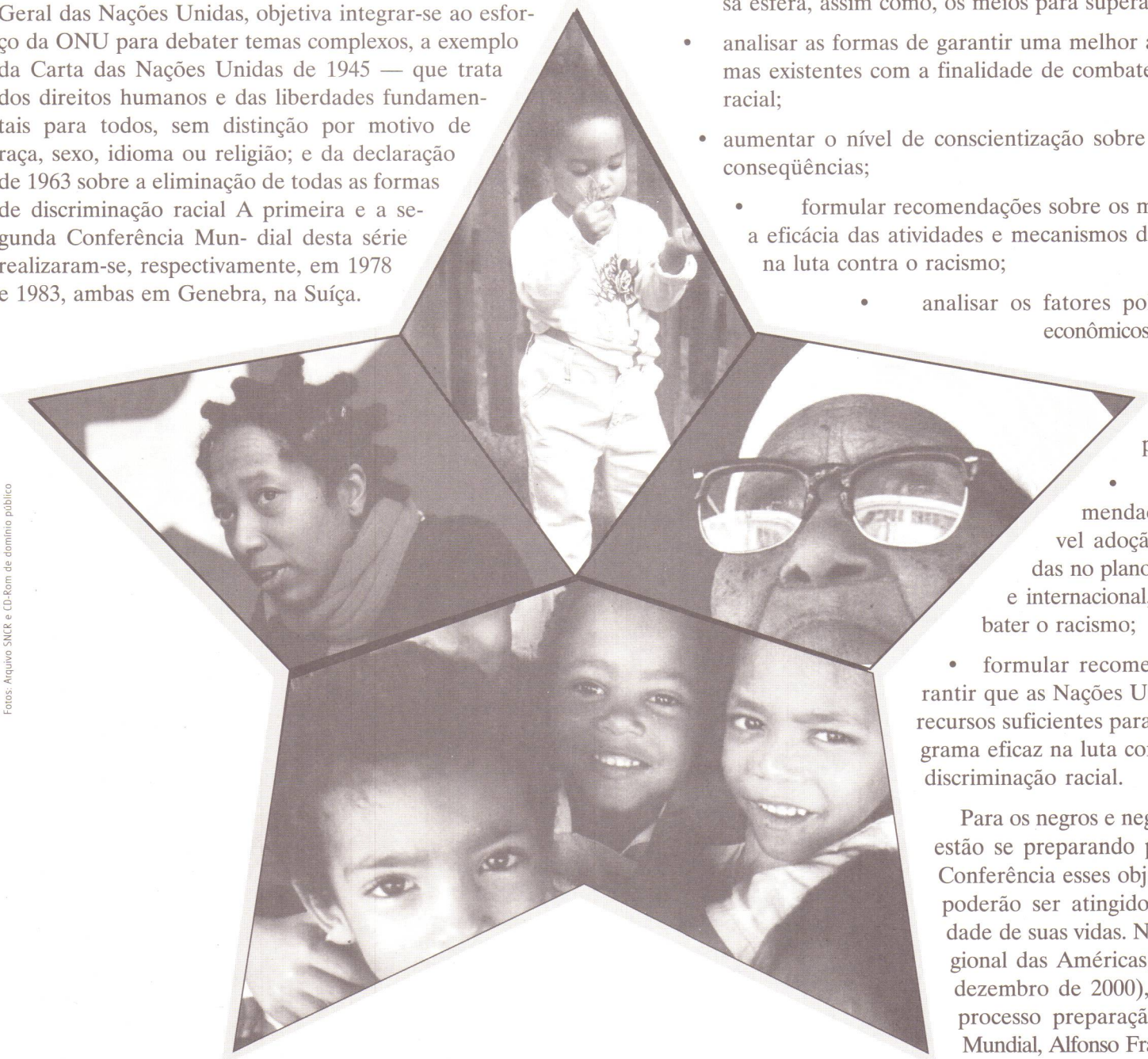
SNCR - Secretário Nacional de Combate ao Racismo

No mês de setembro deste ano será realizada, na África do Sul, a **III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas**. Esta Conferência, convocada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, objetiva integrar-se ao esforço da ONU para debater temas complexos, a exemplo da Carta das Nações Unidas de 1945 — que trata dos direitos humanos e das liberdades fundamentais para todos, sem distinção por motivo de raça, sexo, idioma ou religião; e da declaração de 1963 sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial. A primeira e a segunda Conferência Mundial desta série realizaram-se, respectivamente, em 1978 e 1983, ambas em Genebra, na Suíça.

Os objetivos da III Conferência Mundial são os seguintes:

- examinar os progressos logrados na luta contra a discriminação racial e reavaliar os obstáculos que impedem o avanço nessa esfera, assim como, os meios para superá-los;
- analisar as formas de garantir uma melhor aplicação das normas existentes com a finalidade de combater a discriminação racial;
- aumentar o nível de conscientização sobre o racismo e suas conseqüências;
 - formular recomendações sobre os meios de aumentar a eficácia das atividades e mecanismos das Nações Unidas na luta contra o racismo;
 - analisar os fatores políticos, históricos, econômicos, sociais, culturais e de outras naturezas, que tem contribuído para o racismo;
 - formular recomendações para a possível adoção de novas medidas no plano nacional, regional e internacional, objetivando combater o racismo;
 - formular recomendações para garantir que as Nações Unidas contem com recursos suficientes para executar um programa eficaz na luta contra o racismo e a discriminação racial.

Fotos: Arquivo SNCR e CD-Rom de domínio público



Para os negros e negras dos países que estão se preparando para participar da Conferência esses objetivos dificilmente poderão ser atingidos diante da realidade de suas vidas. Na Conferência Regional das Américas, (Santiago, Chile, dezembro de 2000), que fez parte do processo preparação da Conferência Mundial, Alfonso Fraga Pérez, chefe

da delegação da República de Cuba afirmou:

“ (...) O racismo tem sido claramente através da história sustento da injustiça, da desigualdade e da discriminação. Não é estranho por isso, que em sociedades onde prevalecem os mais altos índices de desigualdade na distribuição da riqueza, sejam comuns práticas institucionalizadas de racismo e discriminação. A permanência de modelos individualistas e discriminatórios de organização política, social e econômica, que em escala nacional e internacional tendem a aprofundar a exclusão social e a marginalização de países, povos, etnias, minorias e outras categorias de grupos sociais e indivíduos, facilita um meio propício ao desenvolvimento de manifestações contemporâneas de racismo e xenofobia. A concentração de riqueza, tem se convertido no principal obstáculo a luta contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e outras formas de intolerância. O princípio de igualdade de oportunidades que promovem a democracia liberal-burguesa e a globalização neoliberal capitalista, nas condições de um mundo repleto de iniqüidades, tende a agravar e perpetuar as desigualdades(...) ”

Esta realidade também tem reflexos aqui no Brasil: as relações raciais são marcadas por indicadores que implicam em vantagens para a população branca e desvantagens para a população negra e não-branca. Importantes estudos e pesquisas, produzidos pelas organizações do movimento negro e até por órgãos governamentais, comprovam que, em nosso país, há séculos o racismo atua como um instrumento de exploração, opressão e dominação de classe, determinando a participação subordinada de grupos não-brancos na estrutura de poder e riqueza de nossa sociedade. Partindo de reivindicação de uma reunião de militantes do movimento negro realizada no Rio Grande do Sul, um estudo feito pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas Sócio-Econômicas) por solicitação do INSPIR (Instituto Interamericano pela Igualdade Racial), dirigido pela CUT, CGT, For-

ça Sindical, AFL-CIO e ORIT, o Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho no Brasil, mostrou que em cinco das seis regiões metropolitanas pesquisadas (Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo), os negros estão com os piores indicadores. Na Grande São Paulo, o rendimento mensal médio em 98 de um branco ocupado (emprego, trabalho informal, bicos esporádicos, etc.) foi o dobro de um negro. Um homem branco ganhou R\$ 1.188,00. A mulher branca, R\$ 750,00. O homem negro, R\$ 601,00. E a mulher negra, R\$ 399,00.

É com essa compreensão sobre a realidade das populações negras do Brasil e de outras partes do mundo que o movimento negro brasileiro vai participar da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Setembro, na África do Sul.

É a partir dessa mesma compreensão que nós, negros e negras, estamos organizados no Partido dos Trabalhadores nesses seus 21 anos de existência.

Ao longo das trajetórias do Movimento Negro e do PT, é importante observar que o Movimento Negro forjou militantes e quadros para o Partido. No entanto, somente nos últimos cinco ou seis anos é que inicia-se o desenvolvimento de algumas propostas que já estavam colocadas desde a fundação do partido, construídas pela militância negra que organizava-se nos estados a partir da formação das comissões, núcleos e setoriais de negros do PT.

Através da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo estamos nos preparando para intervir no extenso calendário do PT para o segundo semestre de 2001. Os desafios são muitos:

- participarmos ativamente dos Encontros Setoriais, Municipais, Estaduais, ampliando o número de Secretarias Municipais e Estaduais de Combate ao Racismo e fortalecendo a Secretaria Nacional de Combate ao Racismo;
- participarmos, em âmbito nacional, dos

debates entre as chapas e os candidatos que irão definir a composição do próximo Diretório Nacional e quem vai dirigir, como o primeiro Presidente eleito de forma direta, o PT nos próximos 3 anos, demonstrando que combater o racismo é, também, construir o Partido dos Trabalhadores.

Vamos dar continuidade aos principais pontos de nossa estratégia de intervenção no debate de idéias e na construção do Partido de Trabalhadores mostrando que:

- é impossível a efetivação da cidadania do povo negro nos limites do atual modelo econômico e político do país;
- é impossível pensarmos transformações estruturais da sociedade brasileira sem o tratamento devido da questão racial negra;
- que o combate ao racismo é estratégico seja na construção de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil como para projetarmos uma sociedade futura, multirracial e, principalmente, socialista.



Foto: CD-Rom de domínio público

Carlos Porto

Secretário Nacional de Combate ao Racismo

